

Director: António Dantas, filho  
Redactor: António de Souza  
Editor: António A. Carvalho Júnior

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense  
Rua de Paio Galvão

# O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da empresa de O LUSITANO

## Duas palavras

**D**EPOIS de termos lutado com inúmeras dificuldades, conseguimos finalmente realizar o desejo que há tanto tempo alimentávamos de criar nesta cidade um jornal semanal onde podéssemos, a par dos brilhantísimos colegas que no país se publicam, defender um povo inteiro a quem pretendem atrofiar as consciências, subjugando-o pelo medo, pelo terror, pelas ameaças e por actos do mais requintado banditismo, impróprios dum país civilizado como, evidentemente, é Portugal.

Não julgemos aqueles a quem a aparição do nosso modesto jornal desagradar por qualquer circunstância, nem mesmo aqueles que tem por costume medir as obras, boas ou más, pelo valor da individualidade que as produz, que nos arrasta a este caminho qualquer louca pretensão que não seja um empenho ardente de trabalhar, na medida das nossas forças, em prol dum povo que moureja, dia e noite, sob um trabalho penoso e fatigante e geme sob o peso do mais feroz despotismo como se fôsse um rebanho de feras obrigado aos exercícios do circo e às queimaduras do ferro em brasa do domador.

Somos portugueses.

Nascemos neste solo abençoado de Portugal, fomos bafejados pelo carinho da Mãe-Pátria e acalentou-nos o Sol que doura as nossas montanhas.

Não se nos leve a mal, portanto, este desejo que temos de defender a mãe comum e o povo nosso irmão.

Vamos, infelizmente, divergir em opiniões dum minoria restricta do povo português.

Lamentámo-lo sinceramente porque desejariamos ver toda a família portuguesa unida num amplo de desinteressado patriotismo e assim, toda ela, promover, sem desfalecimentos nem vaidosas pretensões de primazia, o ressurgimento da nossa nacionalidade.

Tal não acontece e não acontecerá, triste é dizê-lo, enquanto se não operar uma mudança radical de processos governativos que, pondo de parte as grutescas exigências dum irrequieta e insatisfeita minoria, composta na sua grande parte por ambiciosos, egoístas e ignorantes, atenda os desejos da enorme maioria maior onde estão, ainda que se obstinem em não o reconhecer, consubstanciadas todas as forças vitais da nação.

O povo português, a despeito do que por aí aos quatro ventos se apregoa, não está ainda republicano, porque foi insensata a condição que os vencedores de 5 de Outubro, enlouquecidos pelo calor da vitória, lhe impuseram para a sua integração na república.

Para se ser republicano em Portugal é condição essencial e imprescindível ser anti-católico.

Com este *mot d'ordre*, seguido dum guerra de exterminio contra o catolicismo, aconselhada pelo directório do partido republicano e executada pela carbonária, tratou-se de afastar dos destinos da nação os homens que, pela sua reconhecida capacidade, podiam elevar Portugal ao apogeu da grandeza que teve noutros tempos.

O povo católico, esses milhões de portugueses firmes na sua fé e escudados na pureza dos seus sentimentos, abriu alas à passagem do carro triunfante dos heróis de Outubro, e ficou-se, de olhos fitos, esperando o que viesse.

O que veio foi terrível, medonhamente horroroso. E continua!

O povo católico, esses milhões de portugueses firmes na sua crença, sem nada haver de que o possam acusar, assiste estupefacto a este desfazer de

feira que, a continuar assim, levará atrás de si uma nação que em outros tempos foi imensamente poderosa.

Nós encontrámo-nos entre esse povo e é para ele e por ele que ousamos levantar a nossa débil voz.

Somos crentes, porque todo o homem tem uma crença, seja qual fôr.

Somos políticos, porque todo o homem tem o dever de ser político.

A bandeira da nossa crença é branca, pura, imaculada, tendo como lema a imagem do Crucificado.

A bandeira da nossa política é também branca, pura e imaculada, tendo ao centro este nome sublime que nos encanta e enebria

Pátria.

## Entendámo-nos

A publicação de «O Lusitano» não é uma declaração de guerra.

Não há em nós o desejo de batalhas com seu cortejo de vítimas e de mártires.

O que nós desejamos é aquilo por que toda a gente sensata anseia—Liberdade, Justiça, Paz, Ordem, Serenidade e sobre tudo Moralidade.

Nem toda a gente nos compreenderá.

Já o sabemos.

Uns chamar-nos-hão *talassas*, outros *reaccionários*, e até de *jasuitas* nos alcunharão alguns cérebros mais esquentados que também nos mimosearão com outros epítetos muito em voga na cartilha por onde lêem.

Já o sabemos e por isso distinguimos.

Nós seremos tudo quanto quiserem que sejamos, pois não nos farão moça se nos chamarem nomes feios, mas, acima de tudo o que lhes parecermos, seremos portugueses, filhos muito amantes da nossa querida Pátria a quem dedicamos todo o nosso esforço e boa vontade, sacrificando o sangue e a vida quando ela precise dêsse sacrificio.

A nossa humilde pena não descera nunca à lama das ruas para com ela salpicarmos a cara de alguém que nos ataque das sarjetas.

Se alguém se nos dirigir em termos correctos e delicados encontrará em nós a mesma correcção e delicadeza, e se quem quer que seja se servir dos termos grosseiros que certa imprensa costuma pôr em prática, poderá ver no nosso silêncio o sinal do mais veemente desprezo.

Se querem saber a nossa opinião sobre a actual política portuguesa, ela aí vai com todo o desassombro.

A república que se implantou em 5 de Outubro de 1910 não foi uma república nacional, mas sim uma república parcial para uso exclusivo de reduzido número de políticos.

A monarquia, nos seus últimos anos de vida, foi má, mesmo perigosamente má, concordamos; mas era uma monarquia nacional com todas as garantias de liberdade inerentes à sua função.

Todos cabiamos dentro dela.

Veio a república e em vez de ampliar essas liberdades, como era de esperar dum democracia, apertou de tal forma o cerco em volta de si, que deixou isolados numa espectativa desoladora uma enorme maioria dos portugueses.

Alguns dedicados republicanos que a seguiram e ampararam tem fugido dela, apavorados uns, e desgostosos e enojados outros.

Donde se conclui que se a monarquia era má, mesmo perigosamente má, esta república, apesar das promessas comicieiras, em nada melhorou a situação do País e do Povo.

A demonstração está feita pelos acontecimentos ocorridos nestes memoráveis vinte meses.

Mandem esta república a educar para a China e implantem uma república nacional, uma República Portuguesa para todos os portugueses, e então a Pátria caminhará feliz.

## Artilharia civil?

Pela noite alta de terça-feira rebentaram tres bombas: uma na Praça de D. Afonso Henriques (Toural) e duas para os lados dos Palheiros. A do Toural, que detonou junto ao escritório do advogado Rocha Santos, partiu a taboleta de vidro que ali se via, além de outros estragos nas portadas dêste e da farmácia Barbosa, que lhe fica próxima. As outras duas, que explodiram nas trazeiras e frente da casa do official do exército, tenente Abreu Lima, em serviço na reserva, (o mesmo que já um dia foi chamado ao Ministério da guerra para moderar a lingua, admoestação de que pouco caso tem feito,) par-

tiu alguns vidros de baixo. Logo que dêstes acontecimentos a cidade tomou conhecimento, foi grande a curiosidade, junto do primeiro local, constituindo o facto sensação e tornando-se o assunto de todas as conversas. Também, na mesma noite, foram pintadas algumas cruces, feitas com piche, nas casas de conhecidos e impenitentes adversários do regimen... e outras onde muito bem quizeram.

Lamentar? censurar? verberar? Não nos parece que estas explosões de guerra se evitem, só porque alguém as lamente, censure ou verbere. São elas, em parte, a consequência de certas atitudes ostentadas e provocantes que para aí impam com o rei na barriga, não querendo vêr que é mau dançar sobre o fogo.

Entretanto, visto que uma lei especial diz que a bomba é arma proibida, de certo a autoridade tomará conta do caso.

Não resistimos à tentação de arquivar nas nossas colunas o pedacinho de prosa que deixamos transcrito da «Alvorada» de 13 do corrente, que demonstra claramente as suas *excelsas* virtudes cívicas e patrióticas: Lamentar, censurar, verberar?

Não, que isso não é do programa.

Animar. Incitar. Aprovar. Assim é mais cómodo e evita deflagrações.

Venha a bomba que êstes *talassões* são todos inimigos do regimen!

Esta gente confunde homens com regimen, ídolos com divindades.

O Povo, atenda bem a «Alvorada», não é conhecido e impenitente adversário do regimen.

O regimen é excelente como qualquer outro regimen liberal bem compreendido e administrado, e à parte alguns afeitos ao sr. D. Manuel ou à família real—quem os não tem?—não tem inimigos.

De quem o Povo é inimigo conhecido, impenitente e irreconciliável, é dos homens que, sacrificando às suas ambições pessoais os sagrados interesses da Pátria e do Povo, fizeram dêste inditoso Portugal uma terra de pretos.

É necessário que nos convençamos de que o regimen não é o sr. Afonso Costa como o não são os srs. António José de Almeida, Brito Camacho, Machado dos Santos e outros vultos em evidência na política.

Regimen é a forma de governo e o Povo, sem hostilizar nem se insurgir contra a forma de governo republicano, tem o direito absoluto e incontestável de se insurgir contra os homens que governam mal pondo a nação em perigo.

É até um dever imperioso que se lhe impõe e será um covarde o Povo que assim não fizer.

As certas atitudes ostentadas e provocantes não impam com o rei na barriga nem são conhecidos e impenitentes adversários do regimen.

Reagem contra aqueles que julgam que a república é só deles, o que é bem diferente.

E não é com bombas que se opõe um dique a essa reacção, fique a «Alvorada» certa disso. É com medidas de ordem que garantam a liberdade a todos os cidadãos e que, não os poupando no cumprimento racionalmente legal dos seus deveres, lhes garantam as regalias a que tem incontestável direito e lhes respeitem as suas tradições, e com tino, muito tino administrativo.

## O LUSITANO

Lusitano és tu, somos todos quantos  
Fruiuos desta Pátria os encantos  
do amor e melodia;  
Somos nós todos quantos adoramos  
O sentimento e o belo a que chamamos  
paixão pela poesia.

Ao proferir o nome—Lusitano—  
Sinto-me engrandecer, sinto-me ufano  
de ter nascido aqui.  
O nome Lusitano é tam guerreiro  
Que fêz tremer de medo o mundo inteiro  
como eu nunca mais vi.

Só por si—Lusitano—sintetiza  
O torrão da fragrância envolto em brisa  
a perfumar donzelas.  
Vê-se, a cobrir-nos, Céu abobadado  
Par'cendo mais um manto de noivado  
cravejado de estrelas.

Rincão de heróis!... Assim na antiguidade  
Rolou-se pelo mar, na imensidade,  
onde deixou gravado,  
Em cada costa, o nome Lusitano  
A combater as ondas do Oceano  
nunca antes navegado.

Tem noites de luar surpreendentes  
Como os dias magníficos, luzentes,  
da primavera ou Verão;  
Aqui tudo reflete puro amor  
Desde o ribeiro, o bosque, a serra, a flor  
até ao furacão!

Parece mais um canto de magia  
Mostrando em cada noite, em cada dia  
suas auras fagueiras;  
Aqui crescem jacintos e jasmims  
Que entrelaçados formam os jardins  
onde habitam roseiras.

R. E.

## Uma arbitrariedade

O sr. Padre Gaspar Roriz  
é prêso

A semana que ontem findou  
foi assinalada por factos que  
põem nitidamente em foco a bai-  
xeza moral e a degradação social  
dos que nesta terra pretendem  
todo lo mandar com as suas des-  
medidas e insaciáveis ambições.

Na madrugada de quarta feira  
tivemos o caso tétrico das bom-  
bas e as cruzes pintadas a paxe  
nas habitações de pacatos e in-  
ofensivos cidadãos, e na tarde de  
quinta a demonstração pura e  
simples, com todos os requintes  
de malvadez e falta de educação,  
de quanto é capaz o espirito  
de vistas acanhadas que se vê  
guindado a uma posição para  
onde o atiraram a falta de senso  
e a falta de gente, onde é abso-  
lutamente indispensável, a par  
duma linha de porte perfeita-  
mente correcta, o tradicional chá  
de pequenino.

O sr. P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz, o po-  
pularíssimo Padre Commissário,  
conhecido em toda a parte pelos  
seus primorosos dotes de inteli-  
gência e de bondade, foi prêso  
por um dos agentes e por ordem  
dêsse administrador que a nossa  
infelicidade colocou, à frente da  
administração dêste concelho.

O crime do illustre sacerdote,  
honra e glória do clero portu-  
guês, foi ter saído da igreja de  
S. Sebastião, onde havia prêgado  
um brilhante sermão, envolto no  
seu casaco que deixava a desco-  
berto alguma coisa da parte in-  
ferior da batina.

Foi prêso em pleno Toural  
êsse filho dilecto de Guimarães  
pela garra brutal dum galfarro  
da policia, como se fôsse o mais  
infimo garoto ou o mais refinado  
gatuno e o administrador, êsse  
administrador que aí temos, em  
vez de correr a reparar o êrro  
cometido, foi, comodamente e  
muito satisfeito da sua proeza,  
jantar, para que a infâmia fôsse  
maior e para que o enxovalho  
tomasse maior vulto.

Valeu-lhe o caso uma durís-  
sima lição que havia de atormen-  
tar-lhe horrivelmente a consciên-  
cia, se êle fôsse susceptível de  
ter consciência.

O sr. Padre Gaspar Roriz deve  
ter bendito a hora em que os  
inimigos lhe proporcionaram en-

sejos de ver quanto é querido e  
estimado dos seus conterrâneos  
que, dêsde o rico titular ao ple-  
beu humilde, correram todos em  
massa a felicita-lo e a manifestar-  
-lhe a sua simpatia.

A noticia da sua prisão correu  
rapidamente, como todas as coi-  
sas sensacionais, pela cidade, e a  
breve trecho agrupava-se grande  
multidão em frente à esquadra  
de policia aguardando o resulta-  
do, enquanto que um illustre ca-  
valheiro increpava o administra-  
dor a quem disse nobre e digna-  
mente duas verdades amargas.

Momentos depois era pôsto em  
liberdade sendo então alvo dum  
manifestação ruidosa que o  
povo lhe fêz acompanhar-o à  
igreja de S. Francisco, onde fêz  
um sermão notável na festa a  
Santo António.

Findo o sermão a sacristia foi  
logo invadida por grande quan-  
tidade de pessoas que o abraça-  
vam com efusão e então a mani-  
festação chegou ao delirio, sendo  
erguidos entusiásticos vivas à re-  
ligião católica e ao Padre Roriz  
que se dirigiu, pelo interior do  
edifício, para a sua casa onde a  
manifestação continuou, agrade-  
cendo S. Rev.<sup>ma</sup> comovidamente  
duma janela.

O facto tem sido largamente  
discutido em toda a parte, sendo  
geral a indignação contra o insól-  
ito procedimento da auctorida-  
de, e é tam explicável essa in-  
dignação quanto é certo que o  
sr. Padre Roriz é aqui generalmen-  
te estimado e é por todos os mo-  
tivos um dos mais preciosos ca-  
racteres de Guimarães.

Ligam-nos ao illustre eclesiás-  
tico laços de inconfundível ami-  
zade e profunda simpatia, mas  
não é isso que norteia estas mal-  
alinhadas linhas. Seus inimigos  
que fôsemos falariamos da mes-  
ma forma.

O procedimento havido com  
êle denota, além duma arbitrarie-  
dade despótica, falta de senso,  
de dignidade e de educação.

O insulto não foi ao Padre  
Gaspar Roriz, foi a uma cidade  
inteira que tem nele um dos seus  
mais estremecidos filhos, um  
pugnador estremo pelo seu  
progresso e engrandecimento,  
uma das suas maiores glórias.

Medite nisto o administrador  
dêste concelho.

## O povo não adere...

E' o motivo que certo republi-  
cano *enragé*, que antes de 5 de  
Outubro de 1910 (e não sabemos  
se depois) tinha o retrato do sr.  
João Franco em ponto grande sô-  
bre a cabeceira da cama, apre-  
senta para justificar a explosão  
das bombas.

Mas aderir a quem?  
A quem, prometendo aliviá-lo,  
lhe sobrearregou os impostos?

A quem, prometendo o bara-  
teamento dos géneros, os conser-  
va por preços inacessíveis?

A quem, prometendo liberdade  
de opinião, manda ou permite  
que impunemente se ataque quem  
tenha a coragem de pensar de  
modo diferente?

A quem, prometendo a segu-  
rança individual, manda ou per-  
mite o *sport* das bombas explo-  
sivas?

A quem, prometendo a liber-  
dade de cultos e de crenças, man-  
da fechar igrejas e manda ou per-  
mite que se persigam os católi-  
cos?

A quem, prometendo proteger  
o operariado, o manda meter nas  
casas-matas dos fortes ou nos por-  
ões dos navios?

Mas isso seria aderir a mais  
horrenda das anarquias, seria des-  
cer à última degradação.

O Povo tem alguma coisa de  
mais levantado e nobre.

O Povo ama a sua Pátria e  
não ídolos falsos.

## Carta do Porto

por Rolando Perfeito.

Meus amigos:

Estou, ao que parece, conde-  
nado a ser toda a vida um com-  
batente, se nas minhas mãos se  
não quebrar o gládio da justiça  
que sempre me tem acompanhado  
nas horas revoltas e agita-  
das da minha mocidade insatis-  
feita e ansiosa.

A aparição de *O Lusitano* num  
terra onde o acaso me rodeou  
de amigos excelentes a quem devo  
os mais honrosos e cativantes  
requintes de amabilidade e con-  
sideração e em cuja agradável e  
franca companhia tenho passado  
algumas horas de inefável encanto  
que me seria grato agora aqui  
recordar numa efusão de emotiva  
ternura e sentimentalidade, cons-  
titui um magnífico pretexto que  
vem sobremaneira favorecer as  
expansões do meu temperamento  
combativo que a cada passo eu  
sinto vibrar de indômita indigna-  
ção perante o quadro acentuada-  
mente grotesco e pelintra que a  
vida politica portugueza está ofe-  
recendo aqueles que, numa dolo-  
rosa expectativa, seguiu todas as  
suas manifestações de decadência  
moral que nem ao passado, no  
ominoso e execrável passado que  
tanto censuramos e condenamos,  
se produziram com a tendência  
dissoluta e crapulosa que as está  
caractisando.

A monarquia morreu porque  
não pôde resistir por mais tem-  
po ao peso esmagador do imenso  
sudário de escandalos e roubos e  
falcatruas praticados pelos menos  
probos dos seus dirigentes; mor-  
reu porque era o abismo em que  
todos entreviam o túmulo da pá-  
tria.

Depois, logo a seguir, imediata-  
mente, ao cabo duma curta ago-  
nia de algumas horas que a todos  
os corações levou uma dilacerante  
angústia de incerteza e ancie-  
dade, fêz-se a república, celebra-  
da num delirio de aclamações  
estonteantes em que havia algu-  
ma coisa de épica majestade,  
porque todos supozeram na hora  
perturbante do triunfo, à luz ofus-  
cante dessa alvorada radiosa que  
os histriões anunciavam ao povo  
infantilmente crédulo e sugestio-  
nável, entre promessas de abun-  
dância e felicidade, que nela esta-  
va consubstanciado o único e in-  
falível meio de salvação.

E' que muito poucos foram  
aqueles que tinham sonhado uma  
república com a orientação que  
se está dando à que hoje rege os  
destinos da nossa nacionalidade.

E por êsse motivo, a desilusão  
tem sido grande, dolorosa e pro-  
funda.

Saltamos dum abismo para ou-  
tro abismo, devido em parte, à  
falta de senso moral da quasi to-  
talidade dos partidos que se for-  
maram em volta do regimen.

As correntes que se estabele-  
ceram, derivadas por assim dizer  
de discórdias exclusivamente pes-  
soais produzidas por um sectarismo  
estreito onde cabem os mais  
torvos egoismos, chocam-se fu-  
riosamente, encarniçadas, agres-  
sivas e conflictuosas, num tumulto  
e numa indisciplina com uma  
feição distintamente anárquica que  
alarme e apavora, dando origem  
a acontecimentos indecorosos que  
só vão afectar grandemente o pres-  
tigio e o crédito da república, des-  
virtuando-a, e desmoralizando-a,  
com abalos que poderão consti-  
tuir o seu desequilíbrio e a sua  
ruína.

Os homens em vez de molda-  
rem as suas acções e a sua con-  
ducta nos austeros princípios da  
honra, da justiça, da moralidade,  
do decoro e do civismo, inspiram-  
-se, dominados pala febre des-  
vairadora das suas mesquinhas pa-  
ixões, no interesse pedantesco das  
suas vaidades e nas conveniências

gananciosas e avaras das suas  
ambições.

Que esta é a expressão axacta  
da verdade, demonstram-o com  
clareza os factos que tem ocor-  
rido no parlamento, numa vergo-  
nhosa continuidade.

O que ali se tem passado ex-  
cede tudo quanto possa imaginar-  
-se em matéria de incompetência  
administrativa. Tem sido descu-  
rados, como antigamente, os pro-  
blemas da nossa economia, con-  
tinuando sem solução nem estu-  
do as questões que mais directa-  
mente importam ao desenvolvi-  
mento da riqueza pública.

A tam decantadamente prome-  
tida melhoria de situação às clas-  
ses trabalhadoras continua sen-  
do letra morta, a ponto dêstes se  
manterem divorciadas da repúbli-  
ca, como protesto contra esta far-  
ça e esta burla.

A ordem pública, pelos atenta-  
dos que constantemente sofre,  
chega a ser uma ficção insupportá-  
vel.

A igualdade na distribuição de  
regalias, direitos e deveres civi-  
cos sob o ponto de vista jurídico  
e racional, não passa dnm verda-  
deiro embuste e uma irrisória  
mentira. A norma últimamente  
adoptada pelo jacobinismo feroz  
e incendiário, é dum absurdo re-  
voltante e abominável.

Para os amigos da seita liber-  
dade completa com a máxima to-  
lerância. Para os inimigos, para  
aqueles que não comungam no  
mesmo credo, que não pensam  
como êles querem que pensem  
que não estão filiados na mesma  
igrejinha política, que mal aven-  
turam uma consideração desagradá-  
vel ou um comentário inofensí-  
vo, que não concordam com os  
processos empregados até agora  
para a regularização dos negócios  
públicos, para êsses o máximo  
despotismo, a máxima intolerân-  
cia e a mais acintosa persegui-  
ção. Isto é odioso e intolerável.

A plebe incitada pela matilha  
execrável que se arvorou em do-  
natária da república, encarnando  
o espírito do favoritismo e da  
compadrice, e que entre latidos  
raivosos vai rugindo os maiores  
insultos e vitupérios contra as  
pessoas de honra e de bom senso  
que não tiveram a veleidade de  
descerem a bater sabujamente as  
palmas às suas acções de infâmias  
e de torpezas,—a plebe con-  
victa da impunidade garantida  
pela subserviente protecção dos  
poderes dominantes, perdida a  
responsabilidade moral da sua  
perversidade, precipita-se com  
uma fúria cega nos maiores cri-  
mes e desvários que o malévolo  
impulso lhe sugira, enxovalhando  
estupidamente as pessoas indife-  
rentes ao seu crédito politico.

Nunca como agora a liberdade  
em Portugal, foi, nos últimos  
tempos, tam cerceada e sofisma-  
da.

Ninguém parece recordar-se  
das gloriosas tradições que abri-  
lhantam a história da nossa pá-  
tria.

A opressão republicana é um  
pêso horrível para as nossas con-  
sciências liberais de democratas  
independentes.

Esmaga e sufoca.  
Pois bem. Eu sou reaccionário.  
E' crime? Que me corte a gar-  
ganta o primeiro sabre de poli-  
cia e expiarei assim o meu deli-  
cto, já que estão extinctas as fo-  
gueiras do Santo Officio.

Os jacobinos insaciáveis, na  
sua sede de vingança, querem  
que a repressão vá até ao estado  
de extermínio.

Aceitariam do melhor grado a  
inquisição com todos os seus hor-  
rores e atrocidades, se as vítimas  
tivessem de ser aqueles que não  
escondem a sua rebeldia contra o  
actual estado de coisas.

A magistratura judicial a pro-  
pósito da absolvição dos conspi-  
radores, tem sido objecto de afrontas  
deprimentissimas. E todavia  
a sua attitude não pode ser nem

mais simpática nem mais gene-  
rosa.

A lei que regula as penas a  
aplicar aos conspiradores, é brut-  
tal e iniqua. Ainda que se prove  
o delicto, não há nenhum princí-  
pio de justiça que permita assas-  
sinar com 8 anos de penitenciá-  
ria, um homem que num momen-  
to de revolta, quis patentear o  
seu descontentamento contra um  
regimen ao qual era desafecto,

O juiz que tal condenação fi-  
zesse seria um facinora e um  
malvado sem coração. Cumpria  
apenas a lei, podem objectar, cum-  
priu o seu dever. Mas é que aci-  
ma da lei está a consciência de  
cada um.

Não pode haver maior mon-  
struosidade. A constituição repu-  
blicana tem sofrido tratos de  
polé. Que um regimen se defen-  
da é justo e compreende-se até  
certo ponto.

Todavia os meios de defeza a  
empregar nunca deverão excluir  
os princípios de humanidade. As-  
sim, quem não ha-de reagir? Há  
dentro em nós uma força moral  
que nos impele a manifestarmos  
que somos anti-solidários com as  
violências e brutalidades do poder.

Quem se curvar perante elas,  
desonra-se, porque é covardia.  
Para nós queremos a honra de  
reagir, fazendo semanalmente  
nestas ligeiras correspondências  
uma análise mordaz e implacável  
aos actos levianos dos cabotinos  
da politica. Reagir, sim, contra  
esta república madastra, intole-  
rante e faciosa o que eles que-  
rem imprimir em torvo caracter  
absolutista.

E ao passo que reagirmos con-  
tra ela, apontando com firmeza  
e decisão ao povo os crimes,  
imoralidades e atropelos que à  
sua sombra se pratiquem, pugna-  
remos implicitamente por uma  
república honesta, moral, ordeira  
e digna, consentânea com as  
aspirações e necessidades do po-  
vo português, sem exclusão nem  
distinção de castas, classes ou  
partidos, exercendo a sua acção  
evolucionativamente reformadora  
de harmonia com a índole e ten-  
dências do país e com as condi-  
ções politicas do momento, pro-  
movendo num grau tanto quanto  
possível elevado, o bem estar ge-  
ral, atraindo ao mesmo tempo a  
coadjuvação das classes conser-  
vadoras que constituem muito  
principalmente as chamadas for-  
ças vivas da sociedade portugue-  
sa, tendo apenas em mira a felici-  
dade colectiva e a felicidade da  
pátria. Só assim haverá regene-  
ração possível.

E' em conformidade com esta  
orientação, apenas levemente es-  
boçada nestas superficiais consi-  
derações, que me proponho exer-  
cer o cargo de correspondente  
politico de *O Lusitano* que tam  
gentilmente me foi oferecido pe-  
los seus illustres redactores e  
meus muito presados amigos, a  
quem agradeço do coração a hon-  
ra conferida, e vivamente felicitado  
pela nobre missão a que se vota-  
ram, cõscio de que saberão des-  
sempehá-la de maneira a gran-  
gear as simpatias e aplausos da  
honrada população dessa nobre e  
lealíssima cidade de Guimarães.

Muitas prosperidades, pois, é o  
que lhes desejo, reiterando-lhes  
as minhas saudações cordealís-  
simas.

## Dê dez réisinhos, dê...

Tem rasão a «Alvorada» ati-  
rando-se contra a policia acêrca  
das *igrejinhas* e do rapazio que  
constantemente nos seringia com  
os dez réisinhos para S. Fulano.

Ora, o que é fora de dúvida,  
é que a pedinchisse dos garotos  
é bem menos incômoda do que a  
explosão de bombas e não esta-  
mos longe de crer que sôbre es-  
tas talvez a policia pudesse in-  
formar alguma coisa.

## O Lusitano

A todas as pessoas a quem enviamos o presente número de *O Lusitano* esperamos dever-lhes o obséquio da sua assinatura, o que agradecemos reconhecidos; a quem não desejar auxiliar-nos nesta árdua tarefa, rogamos-lhes o favor da sua devolução imediata.

A empresa.

## Grutescos

Já cá está o Lusitano repimpado e tam magano que vem mesmo a apeteecer de agarrar agora mesmo virar página a êsmo e ficar p'ra sempre a ler.

Cumprimentando os leitores eu não busco os seus louvores à minha apresentação, só lhes digo aqui baixinho: —cada qual ande d'reitinho senão sofre um abanão.

Mas façam poucas caretas, que em saber pouco de tretas o caso não vem daí; eu quero meter na malha tanto o grande que der gralha como, apenas, um Rabi.

Mesmo ainda que eu perca tudo, lápis, língua e ficar mudo, não deixarei de berrar c'um barbado que aí anda a revender propaganda p'ra as donzelas enganar.

E só ontem é que soube que êste gajo por bem houve, ali p'ra a rua Camões, pregar uma partidinha à pobre rapariguinha que lhe escutou palavrões.

Mas meus leitores queridos, eu prometo, aqui seguidos retratá-los um a um. Depois, Vossas Excelências com todas a indecências joguem-lhes o pim pam pum.

Tirteu.

## Será sina? ...

A revolução de Outubro, de que resultou a república portuguesa, foi acelerada por um doido que matou um médico alienista, director dum hospital de doidos e um dos maiores vultos da república.

Sem isso, ela demoraria mais algum tempo o que não seria mau para se pensar mais maduramente no caso, e seus subseqüentes.

Isto o disseram os jornais do tempo, e isto o acreditamos nós porque, pelo que vimos observando, verifica-se que desde então tudo se faz... à doída neste país.

O governo provisório promulgou leis á doída que incompatibilizaram o povo com a república.

Fizeram-se umas eleições á doída em que o povo não foi chamado nem consultado, sendo os deputados impostos por um directório de partido cuja missão havia findado em 5 de Outubro.

Os deputados votaram á doída, em primeiro lugar e para si próprios, um subsídio caro.

Fêz-se uma constituição e á doída se garantiu nela a teta *cemmil-reisal* até 1915.

Os homens de maior preponderância atiram-se á doída uns para os outros; formaram partidos á doída e só agora repararam no que á doída fizeram defendendo e votando a indissolubilidade do congresso até 1915.

No casarão de S. Bento tudo corre á doída.

Cá fora, idem.

Finalmente, se isto assim continúa dentro em pouco estamos todos doidos.

## Du Vai... ou racha

Julgam os senhores *liberais fróternais* e mais coisas tais que é pela ameaça, pelo medo e pelo terror que conseguem mais adeptos para a sua causa.

Na manhã de 12 do corrente, por volta das 3 horas, rebentaram duas bombas explosivas, uma no largo do Toural e outra ao cimo da rua de Santo António, que fizeram grandes estragos em vidros e portadas.

Insensatos! Como era natural o caso foi largamente comentado. Pois de algumas centenas de pessoas que vimos conversar sobre o facto, nenhuma delas nos pareceu coagida pelo medo, antes todas protestavam bem alto e com toda a energia contra o cafreismo, mal-dizendo as autoridades que consentem no país actos desta natureza que nos rebaixam à condição de feras.

## Banquete de canibais

Se Julio Verne vivesse agora em Portugal e quisesse fazer uma obra de fôlego, não precisaria de ir buscar a Argélia, a Abissínia, o México, a China, o Japão, nem ainda as terras do Novo Mundo para teatro das diversas passagens, por mais horrorosas e asquerosas que fôsem.

Cá dentro encontraria tudo quanto lhe fôsse necessário e muito mais ainda que lhe faria arripiar os cabelos.

O título seria tam sugestivo que só por si garantiria à obra um êxito completo.

Quer-nos parecer que seria

## "O país das bombas,!"

Imaginem os bons portugueses, aqueles que teem amor a êste pedaço da Europa, a nossa terra, que em tempos felizes levou por êsses mares além até às terras mais inóspitas a civilização e a luz, transformada numa raça de selvagens, mais ferozes e mais crus do que aqueles que nesses tempos felizes civilizou!

Como isto causa desolação e mágua!

Como isto dá vontade de emigrar para terra estranha, ainda que seja para os Peles Vermelhas!

## Deixe lá...

Insurge-se a «Alvorada» contra as raparigas das fábricas, por terem comprado vários objectos de oiro para oferecerem ás devotas imagens de Nossa Senhora da Madre de Deus e S. José expostas à veneração dos fiéis na igreja dos Santos Passos.

Deixe lá as raparigas com a sua crença religiosa e quanto à linguasinha de prata damos-lhe razão e sempre é bom que se acautele delas porque elas são... o próprio diabo.

Ainda subsistem por aí algumas alcunhas pitorescas postas por aqueles mafarricos.

## Coerência... deles

Nos sinédrios da jacobinagem dão-se vivas ao livre-pensamento, á Cristina, a quantas coisas êles querem e lhes agrada e morras a tudo quanto lhes desagrada, ainda que para os outros, que também teem o direito de pensar livremente, sejam coisas do mais sagrado e inviolável respeito.

Já em plena rua, no Pôrto, um individuo qualquer, vendo que lhe fugia a simpatia do populacho, baco-rejou um *morra Deus* como supremo esforço de reconciliação.

Pois não levou a bem essa mesma jacobinagem, que em particu-

lar e em público dá vivas e morras ao que lhes dá na gana, que na igreja dos Santos Passos, repleta de fiéis, os quais, no ardor da sua crença, foram render fervoroso preito às venerandas imagens que das Capuchinhas foram para ali transferidas por um vimaranense ilustre que as adquiriu por compra, se dessem vivas a Maria Santíssima.

O' meninos! Pelo amor de Deus! Então os outros não teem ao menos o direito de expandirem a sua devoção em sua casa, dando vivas áquilo que amam e veneram?!

Então a liberdade?!...

## Festa íntima

No dia 11 do corrente passou o 45.º aniversário natalicio o nosso querido amigo sr. António Luís da Silva Dantas, extremoso pai do nosso director e proprietário da Tipografia Minerva Vimaranense, onde o nosso jornal é impresso.

Os seus empregados, que nutrem pelo bondoso patrão uma profunda estima, não quiseram deixar passar em claro uma data tam festiva, e como no dia 13 era também o dia do Santo do seu nome, guardaram-se para nesse dia lhe dirigirem as suas sinceras felicitações a que a sua generosidade tem jus.

Assim, obtida a permissão para ás 2 horas se encerrarem as oficinas, dirigiram-se á residência do nosso amigo e ali lhe foi lida uma bem elaborada mensagem, em seguida ao que o patrão, familia e empregados confraternizaram alegremente abancando à mesa onde um excelente copo de água os aguardava.

Foi uma festa alegre e cheia de emoções que muito devem calar no ânimo de todos.

Os nossos parabéns.

## Quem quer?

Vai por êsse país fora uma azáfama em fazer acreditar que tudo corre ás mil maravilhas na alta politica conquanto os vários jornais afirmem o contrário.

Pois não corre infelizmente porque temos há tantos dias as cadeiras do poder em almoeda e não há quem lhes pegue.

Quando teremos governo?

Nun xe xabe.

Vamos a ver se o sr. Duarte Leite fará milagres, mas não nos parece por que êle também é dos que está de fora desta república.

## Diligência judicial

Nestes últimos dias correu nesta cidade o boato de que na casa do Priorado, onde era a residência do D. Prior da Colegiada e hoje alugada em virtude da lei de separação, se guardavam bombas explosivas.

Não sabemos com que fundamento, o M.<sup>mo</sup> Juiz de Direito desta comarca ordenou que fôsse passada uma busca ao referido prédio o que teve logar no dia 13 do corrente.

No andar principal, o único da casa, nada foi encontrado além de uma espingarda de guerra que pareceu ser do modelo usado pela Guarda Republicana ou pela policia civil desta cidade.

As lojas e sótãos não chegaram a ser visitados porque a certa altura appareceu o administrador dêste concelho e declarou ao M.<sup>mo</sup> Juiz que aquela casa era sua, extranhando que se procedesse a uma busca na casa do administrador do concelho e que tomava toda a responsabilidade, pelo que a autoridade judicial deu a sua missão por finda.

## Impressões

O' cronista é sempre um crónico.

Matreiro?... Pensado?... Observador perspicaz?... Um pouco de tudo, se a sério e maduramente o estudarmos, não é verdade?

Conta-nos sempre os acontecimentos da actualidade: as festas, as excursões, os passeios com *piquenique*, os banquetes a coroa por cabeça, mas onde se gosa, onde o espirito se distrai, onde há amor e vida; ou então as misérias de que êste mundo se povoa: desgraças, infelicidades e tristezas.

Hoje um pavoroso incêndio que destruiu muitas casas e muitos haveres, levando com êle preciosíssimas vidas em grande numero; amanhã um desastre de Caminho de Ferro, onde nem ao certo se sabe o numero de vítimas; depois a catastrophe dum importantissimo vapor que se afundou arrastando consigo para o oceano muitos milhares e muitas pessoas que no luto e em enormissima dor deixaram centenas de familias.

O cronista diz-nos invariavelmente as actualidades: em dia sempre com tudo quanto é vida, actividade e interesse, transmite-nos com cuidado as suas impressões sobre, e do efeito, do caso de maior sensação, e assim nos lembra também quanto amargo é o seu trabalho se da canseira de cronista tira o pão com que se alimenta e aos seus.

E todavia o cronista, sendo um crónico, inspira-nos a maior confiança e o maior respeito se, matreiro, pensado, observador perspicaz, nos vem dizer muitas vezes, contando-nos casos de interesse com exemplos vivos e seguros, que nem só de Pão vive o homem.

Hoje o cronista diz-nos que precisamos de trabalhar para honestamente vivermos. Para se trabalhar necessitam-se conhecimentos e braços, educação e força; quando êstes elementos bem aproveitados, bem conjugados iniciam o progresso e a vida em que vão fomentar a riqueza do seu esforço, preciso é também um campo aberto aos seus ideais e ás suas esperanças para que daquela união resultem os benefícios esperados.

Para êste *desideratum* impõe-se, porém, um facto importantissimo que, considerado em suas linhas gerais, é sempre a base fundamental duma iniciativa: regem-se no seguinte dilema — ordem e respeito.

Onde a ordem e o respeito são um simbolo, onde há brio, dignidade e patriotismo, o mútuo respeito pela propriedade e pelas pessoas, o trabalho fructifica, o progresso avança, o conceito impõe-se, com êle as maiores riquezas nos procuram; quando, ao contrário, a anarquia impera e a desordem alastra sem cadeias que a tomem e a façam recuar, a desgraça espreita-nos repentinamente, o comércio pára, a industria estaciona e o homem, como o cronista que vive do seu trabalho, se não morre de fome, deixa na miséria a familia.

Não sou um cronista, mas sei sentir como êle as actualidades.

Para hoje, porém, não trago assunto: digo apenas duas palavras para lhes fazer a minha apresentação.

Cumprimenta respeitosamente os leitores de «O Lusitano» o seu

Cronista.

## Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar alguma matéria de que pedimos desculpa aos nossos colaboradores.

CINEMATÓGRAFO

Hoje — DOMINGO — Hoje

2 — SENSACIONAIS ESTREIAS — 2

O VENENO DA HUMANIDADE

!!! 800 METROS 800 !!!

A LUZ E O AMOR

!!! 1100 METROS 1100 !!!

ASSOMBRO COLOSSAL

**Novo depósito de máquinas de costura e bicicletas.** — A acreditada firma comercial Fernandes & Cruz, com Ourivesaria na rua da Republica, desta cidade, acaba de montar um depósito de máquinas de costura e bicicletas, onde tem um bom sortido dos melhores e mais aperfeiçoados modelos, adquiridos em algumas das mais afamadas e importantes casas do género, das quais tem a representação.

Neste depósito encontrarão, pois, as boas donas de casa excelentes máquinas de costura e os amadores do ciclismo optimas bicicletas por preços excessivamente baratos, a prestações semanais ou a dinheiro com grandes descontos, bem como todos os acessórios para as mesmas.

Uma visita ao novo depósito torna-se, portanto, necessária e aos nossos leitores o recomendamos.

## As festas da cidade

A Grande Comissão delegada da Associação Commercial para promover as grandiosas festas da cidade e feiras francas de S. Gualter, continúa na sua faina de angariar donativos e dos trabalhos preliminares para a sua realização no ano corrente, tendo, em uma das suas últimas reuniões, nomiado as seguintes comissões auxiliares:

### Feira de gado bovino

José Pinto de Sousa e Castro, Ovidio de Faria e Sousa Abreu (S. Torquato), João Gonçalves (Mouril), Joaquim Ribeiro Abreu, Joaquim de Sousa Pinto (Vizella), Guilhermino A. Rodrigues (Técnico).

### Feira de gado cavalari

Visconde de Paço de Nespereira, Francisco Assis Costa Guimarães, Antonio Vaz de Nápoles, José Figueiras de Sousa, Guilhermino A. Rodrigues (Técnico).

### Batalha de Flores

Dr. Miguel Tobim de Sequeira Braga, Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, Coronel Freitas Barros, Dr. Leal Sampaio, Alvaro Costa, Adriano Trepa Ramos, Domingos Freiria, Dr. Antonio José da Silva Basto Junior, Gualter de Sousa Lôbo.

### Comissão do Programa

Esta comissão, que é composta dos srs. Abel Cardozo, José Luis de Pina, Capitão Luiz A. de Pina Guimarães, Martinho de Sousa Lôbo e José Ribeiro de Freitas, já reuniu tendo esboçado o programa, no qual, entre outros numeros de efeito e novidade, se

projecta um certamen de bombeiros de todo o país, com o concurso imprescindível da distinta corporação local.

Outros trabalhos e resoluções se tomaram, ficando o encargo de fazer os projectos de ornamentações e iluminações ao gosto dos cinco membros da comissão acima referida.

**Integridade do concelho.**— Realiza-se, hoje pelas 13 horas na Sociedade Martins Sarmento uma reunião convocada pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal, para tratar de assuntos relativos à integridade deste concelho, agora ameaçada com a criação dum novo concelho com as suas mais importantes freguesias.

**Um profetis dos habitantes da freguesia de S. Faustino de Vizela**

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro do Interior:*

Os abaixo assinados, moradores na freguesia de S. Faustino de Vizela, do concelho de Guimarães, tendo noticia de que se trata da criação de um concelho com sede em Vizela, e do qual fará parte esta freguesia, veem perante V. Ex.<sup>a</sup> protestar contra essa pretensão, porque preferem continuar a pertencer ao concelho de Guimarães, grande, populoso, e com uma cidade importante por sede, do que a um concelho pequeno, de míngua população, e cuja sede, fóra da estação de banhos, tem poucos habitantes; e a razão é, além de outras, que actualmente os encargos que são necessários para a subsistência de um concelho, são sensivelmente os mesmos em um concelho grande, que em um pequeno, e, portanto, menos pesada se torna aos povos naquele, do que neste. O país está atravessando uma crise gravíssima, que V. Ex.<sup>a</sup> melhor conhece que nós; aos povos pedem-se, e hão de pedir se enormes sacrificios tributarios, e, por isso, a boa razão aconselha que se procure antes ampliar as circunscrições administrativas, embora à custa da supressão de algumas, que fraccionar as grandes para formar pequenas, que, por isso mesmo que o são, mais custosas se tornam. Demais, com a facilidade de communicações, que resulta das estradas construidas e da linha férrea de Guimarães à Trofa, e de que em Vizela há uma estação, não há necessidade do concelho de Vizela para o bom e fácil serviço dos povos nas suas relações com as repartições da sede actual, Guimarães. O pretendido concelho só serve para satisfazer a vaidade da povoação de Vizela, e para aumentar os empregos e os empregados, e não é, por certo, esta a ocasião própria de o fazer.

Os abaixo assinados, confiando nos sentimentos de justiça e de amor pátrio, que animam V. Ex.<sup>a</sup>, ousam esperar que serão atendidos.

Traz 38 assinaturas.

## TIP. MINERVA



## VIMARANENSE

Officina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na officina tipográfica, montada com cerca de 240 collecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. \* \* \* Trabalhos perfeitos e rápidos.

### Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

### Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primaria, secundaria e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à Direcção

# O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Anno . . . . . 1\$200 rs.  
Semestre . . . . . 600 "  
Número avulso . . . . . 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contrato convencional.  
Anúncios, não judiciaes, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra  
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

# O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.<sup>mo</sup> Sr.